



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7146 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

INFÂNCIAS QUEER E A CRIAÇÃO DE UM CURRÍCULO-DESORDEIRO

João Paulo de Lorena Silva - FAE - Faculdade de Educação da UFMG

INFÂNCIAS *QUEER* E A CRIAÇÃO DE UM CURRÍCULO-DESORDEIRO

Infâncias *queer* povoam o território curricular. Afrontosas e insubmissas, as crianças que experimentam e disseminam essas infâncias rebelam-se contra as normas de gênero e sexualidade que as querem produzir e governar. Em movimentos de bando, espalham-se pelo currículo, produzindo fissuras nos códigos instituídos, tensionando “verdades” estabelecidas sobre a infância e criando modos de vida transviados. Híbridas e escorregadias, borram as fronteiras de corpo, gênero e sexualidade, interpelando o currículo a vê-las e acolhê-las na multiplicidade que as constitui. Trata-se de crianças de nosso tempo. Crianças que nos convidam a entrar com elas no jogo da diferença e, assim, inventar currículos-desordeiros, capazes de desordenar as normas para abrigar a vida em seu devir incessante e criador.

Para mapear as linhas e os traçados das infâncias *queer* e suas criações em um currículo escolar, este trabalho utiliza como estratégia metodológica a cartografia, compreendendo, assim, que “as coisas, as pessoas, são compostas de linhas bastante diversas [...], há toda uma geografia nas pessoas, com linhas duras, linhas flexíveis, linhas de fuga” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 18). Fazer uma cartografia é a arte de desenhar um mapa “aberto, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 30). Nesse movimento de invenção, a cartografia persegue as linhas e seus traçados, movimenta as coisas e o pensamento, atenta-se aos encontros e suas produções.

A pesquisa cartográfica que subsidia este trabalho foi realizada em um currículo dos anos iniciais do ensino fundamental, de uma escola pública de Belo Horizonte. Durante um ano, acompanhei e mapeei as linhas dos percursos escolares de crianças cujas performatividades de gênero e sexualidade eram lidas como perigosas e desviadas e, por isso, perturbavam e desordenavam a ordem normativa do currículo. Inspirou-me, nesse feito, o desejo de “não remontar aos pontos, mas seguir e desemaranhar as linhas”, bem como estar atento às “coisas onde elas crescem, pelo meio” (DELEUZE, 2013, p. 113). Isso porque é no meio, no *entre* das relações e dos encontros, que podemos nos aproximar da vida em sua proliferação.

Argumento, neste trabalho, que as infâncias *queer* que povoam o território curricular bagunçam as normas de gênero e sexualidade, disparam a diferença como modo de vida e desenham as possibilidades de um currículo-desordeiro. Compreendo infâncias *queer* como

todas aquelas que, escapando às normas de gênero e sexualidade, inventam modos dissidentes de existência. Nesse sentido, essas infâncias não se constituem como uma categoria identitária ou representação, mas funcionam e se disseminam como um devir, uma estética da existência capaz de afirmar a vida em sua multiplicidade.

Situando-me nas teorizações curriculares pós-críticas, entendo currículo como “um território de *multiplicidades* de todos os tipos, de *disseminação* de saberes diversos, de encontros ‘variados’, de *composições* ‘caóticas’, de *disseminações* ‘perigosas’, de *contágios* ‘incontroláveis’, de *acontecimentos* ‘insuspeitados’ (PARAÍSO, 2010, p. 15). Nesse sentido, apesar de atravessado por ordenamentos dos mais variados, o currículo é território de criação de possíveis. Em um currículo, como na vida, muitas coisas podem acontecer. É sempre possível um pequeno acontecimento, um encontro que mobiliza forças e abre linhas de fuga que se conectarão a outras, criando fissuras por onde a resistência passa e a diferença transborda.

No currículo da escola pesquisada, crianças em dissidência de gênero e sexualidade se movimentam em bando e bagunçam as normas de gênero e sexualidade. Gabriel, Laiane, Douglas, Luíza e Rodolfo, alunos/as do quinto ano do ensino fundamental, são vistos/as com estranheza e preocupação e, por isso, são separados/as por um mapa de sala. *Bicha*, *mulherzinha*, *Maria-homem*, *bichinha*, *piriguete* e *Maria-sapatão* são alguns dos adjetivos que circulam no território curricular com o objetivo de ofendê-los/as. Seus corpos (des)viados estão sob mira. As crianças lutam. *Homossexuais? Más-influências? Uma fase?* Interrogam os corpos-adultos. Entre os corpos-crianças, fascínio, desejo, medo e rejeição se misturam, como em um emaranhando de linhas duras e de fuga que os atravessam por todos os lados. Um bando é criado para (sobre)viver. Em uma espécie de devir coletivo, a amizade é acionada como estratégia de resistência.

Mas como sobreviver em um currículo que, não poucas vezes, é insensível e inabitável para seus corpos infantis em trânsito? As cinco crianças que povoam esta cartografia se conheceram na escola – algumas delas no primeiro ano do ensino fundamental – e foi no terceiro ano que as linhas de força de suas histórias começaram a se conectar. Tornaram-se amigas viadas. Todas elas, nesse período, começaram a perceber alguma diferença que fez com que os seus corpos infantis existissem sob o signo da precariedade. Judith Butler (2015) explica que o “ser do corpo”, isto é, sua ontologia corporal, “é um ser que está sempre entregue aos outros, a normas, a organizações sociais e políticas que se desenvolvem historicamente a fim de maximizar a precariedade para alguns e minimizar a precariedade para outros” (BUTLER, 2015, p. 15). Nesse sentido, instituições como a escola e o currículo também estão implicadas na produção de inteligibilidade que constitui uma vida como viável ou não.

Para resistir e sobreviver à precariedade, as crianças viadas da escola cartografada se juntam, fazem motim, organizam pequenas revoluções e lutas micropolíticas. Separadas por um mapa de sala, comunicam-se estrategicamente enquanto a professora escreve no quadro. Cochicham, falam com os olhos, riem, deboçam, brincam. Durante o recreio, movimentam-se juntas pelo pátio. Compartilham o lanche, a música, o funk, o riso, a vida, as dores, as alegrias. Suas vidas não são fáceis. Desde muito cedo, são obrigadas a conviver com o olhar desconfiado, a piadinha, o empurrão para a fila das meninas, a correção de postura, a bala da norma cravada no peito, ardendo... Na micropolítica da amizade, forjam possibilidades outras de existir, desenham um *currículo-desordeiro*. Este currículo nos ensina que, apesar dos muitos poderes que querem aprisionar a infância em uma forma-criança heterossexual e cisgênera, a vida resiste. Nos pequenos acontecimentos, nos entre-lugares da escola, um currículo-desordeiro pode ser inventado, fazendo ruir os ordenamentos e o sistema de gênero e sexualidade.

Com as crianças viadas, cujas infâncias *queer* “zombam da ordem e fazem, em ato, o assombramento nos conhecimentos ordeiros da (hetero)sexualidade em sua incapacidade de lidar com as crianças que (re)existem [...]” (RODRIGUES *et al.*, 2019, p. 10), nos aventuramos em aprendizagens dissidentes. O currículo, território atravessado e constituído por normas de gênero e sexualidade, infectado desde muito tempo pela taxonomia moderna que a tudo classifica e hierarquiza de modo dicotômico, está sitiado. Isso porque as crianças e seus movimentos dissidentes não querem sucumbir e, por isso, reinventam suas existências para viver de um outro modo.

Palavras-chave: Currículo-desordeiro. Infâncias *queer*. Diferença.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs 1*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- PARAÍSO, Marlucy A. Currículo e Diferença. In: PARAÍSO, Marlucy A. (org.). *Pesquisas sobre Currículos e Culturas: temas, embates, problemas e possibilidades*. Curitiba, Editora CRV, 2010. p. 15-30.
- RODRIGUES, Alexandro *et al.* Precárias experiências em dissidências: crianças que não cabem em si. *Pro-Posições*, Campinas, v. 30, e20180076, 2019.